

PLURALISMO METODOLÓGICO EM PESQUISA GEOGRÁFICA: ALTERNATIVAS AO HERMETISMO CIENTÍFICO

METHODOLOGICAL PLURALISM IN GEOGRAPHIC SEARCH: ALTERNATIVES TO SCIENTIFIC HERMETICISM

PLURALISMO METODOLÓGICO EN BÚSQUEDA GEOGRÁFICA: ALTERNATIVAS AL HERMETISMO CIENTÍFICO

RESUMO

Este artigo discute a incorporação de uma agenda de pluralismo metodológico na pesquisa social voltada para o campo do estudo geográfico, como forma de superação de problemas teórico-metodológicos desta prática. São abordadas questões acerca do processo de consolidação da ciência moderna e da criação de paradigmas e dicotomias acerca da natureza do método de pesquisa que, com o tempo, foram transformados em dogmas científicos. Como alternativas ao hermetismo da razão positivista para a pesquisa, propõe-se o resgate da aproximação entre teoria, epistemologia e método, reconhecendo suas várias dimensões sociais. Para tanto, apresentam-se possibilidades e alternativas relativas à combinação de métodos quantitativos e qualitativos diversos à pesquisa geográfica.

Palavras-chave: método; ciência; pesquisa social; pluralismo metodológico.

ABSTRACT

This article discusses the incorporation of a methodological pluralism in social research agenda focused on the geographic field of study as a way to overcome theoretical and methodological problems of this practice. Questions about the modern science consolidation process and the creation of paradigms and dichotomies about the research method of nature are addressed that, over time, have been transformed into scientific dogmas. As alternatives to the hermeticism of positivist reason for the research, we propose the rescue of bringing together theory, epistemology and method, recognizing its various social dimensions. Therefore, we present possibilities and alternatives to the combination of quantitative and qualitative methods to various geographical research.

Key words: method; science; social research; methodological pluralism.

RESUMEM

En este artículo se analiza la incorporación de un pluralismo metodológico en programa social de investigación centrado en el ámbito geográfico de estudio como una manera de superar los problemas teóricos y metodológicos de esta práctica. Preguntas sobre el proceso de consolidación de la ciencia moderna y la creación de paradigmas y dicotomías sobre el método de investigación de la naturaleza que se abordan, con el tiempo, se han transformado en los dogmas científicos. Como alternativas al hermetismo de la razón positivista de la investigación, se propone el rescate de reunir a la teoría, la epistemología y el método, reconociendo sus diversas dimensiones sociales. Por lo tanto, se presentan posibilidades y alternativas a la combinación de métodos cuantitativos y cualitativos a diversas investigaciones geográfica.

Palabras clave: método; la ciencia; la investigación social; pluralismo metodológico.

Marcio Marchi

Bacharel e Licenciado em Geografia pela UFSC.

Mestrando em Geografia na PPGG-UFSC.

marciomarchi@gmail.com

INTRODUÇÃO

A busca pelo conhecimento difere da busca pela verdade pelo caráter dogmático que esta última acepção incorpora. Enquanto o conhecimento é um conceito amplo, envolvendo cognição, percepção, entendimento e compreensão, a verdade remete ao fato e à exatidão. Ao longo de sua história, a ciência buscou se transformar no caminho para o conhecimento da verdade. A problemática da pesquisa social se insere no contexto da afirmação das áreas de estudo humanas e sociais como ciências. Neste processo, o método científico consagrado como o caminho para se analisar e explicar os fatos foi amplamente incorporado no discurso e na prática das ciências sociais. À instrumentalização do método, advinda deste contexto, houve o acompanhamento da sacralização do trabalho na sociedade moderna.

Com este artigo, busca-se refletir sobre questões relativas a possíveis caminhos para a pesquisa geográfica. Ou seja, como se pensar em um arcabouço teórico-metodológico que possa contribuir para a pesquisa geográfica se os métodos meramente instrumentais não dão conta da problemática social, ao contrário do que se propõem a fazer, ao mesmo tempo em que conceitos amplamente utilizados neste tipo de pesquisa como, por exemplo, “fato” ou “verdade”, não existem além dos processos de construção de comunicação do conjunto a ser estudado? Como as dicotomias metodológicas entre sujeito-objeto limitam o campo da pesquisa social e quais alternativas para se escapar da instrumentalização do método na prática social? Nos próximos itens, discutem-se brevemente essas e outras questões.

CIÊNCIA, TEORIA E MÉTODO

Método é uma palavra corriqueiramente utilizada para múltiplos significados. Adotado pela ciência, tornou-se conceito-chave e palco de lutas entre diferentes escolas científicas. Chauí (1994, p. 334) conceitua-o como “uma investigação que segue um modo ou uma maneira planejada e determinada para conhecer alguma coisa, procedimento racional para o conhecimento seguindo um percurso fixado”. Oliveira (2001, p. 17) assinala que método, portanto, é “um percurso escolhido entre outros possíveis”. Esse percurso ou caminho diz respeito, então, a uma gama de passos, meios, técnicas e instrumentos baseados em fundamentos teóricos que o pesquisador dispõe de forma sistemática para chegar a um resultado coerente com a pesquisa científica proposta.

Porém, ao longo de sua consolidação histórica, a ciência criou paradigmas acerca do método científico. Chalmers (1993, p.17-18) observa que o atributo científico é altamente considerado nos tempos modernos, alcançando *status* quase que religioso, não apenas entre cientistas, mas também entre a sociedade em geral. À ciência se atribui mérito e confiabilidade de resultados, pois seu fundamento repousa na “segurança” adquirida através da observação e do experimento. Com o desenvolvimento dos métodos analítico-experimentais, importância enorme foi destinada aos dados mensuráveis, segundo os quais, sem eles, o conhecimento seria escasso. Assim, as teorias científicas derivadas de tal base seriam comprovadas e verdadeiras. Progressivamente, o método científico foi sendo aprisionado pela lógica positivista.

Os campos de estudos humanos e sociais, em seu processo de afirmação científica, assimilaram a teórica quantitativa em seu arcabouço metodológico. Intensos debates foram travados, culminando no estabelecimento de dicotomias, sendo notável aquela relacionada ao valor atribuído às abordagens quantitativas ou qualitativas. A partir de determinado momento, os métodos quantitativos passaram a ser vistos nas Humanidades como portadores de uma razão capaz de alça-las à condição de ciências. Não diferente disso, a Geografia foi intensamente influenciada por este pensamento.

As estatísticas funcionam como poderosas formas de convencimento. Dados quantificáveis possuem forte apelo de confiabilidade e a pesquisa social passou a usá-los como base para seus métodos em um esforço de autolegitimação. A dicotomia advinda entre métodos quantitativos e qualitativos, longe de se apresentar como algo intrínseco e verdadeiro, é resultado de uma construção social da ciência. A diferenciação entre ambas – a pesquisa quantitativa utiliza de números e análise estatística e é vista como objetiva, enquanto que a pesquisa qualitativa é não-numérica, prioriza a interpretação e é frequentemente apresentada por seu caráter subjetivo – não é em si uma determinação de separação metodológica.

A sacralização de dicotomias, sobretudo, revela o apartamento ocorrido entre teoria e epistemologia na ciência em dado momento histórico. Habermas (1982) assinala que a epistemologia, como uma crítica do conhecimento, foi sendo progressivamente minada. Assim, a partir do período positivista, a filosofia da ciência deixou de ser auto-reflexiva para se restringir à regulação pseudonormativa da pesquisa estabelecida.

A implicação imediata do distanciamento entre filosofia e ciência foi a divisão entre teoria e metodologia. Bourdieu (1989, p. 24) ressalta que “a divisão teoria/metodologia constitui uma oposição constitutiva da divisão social do trabalho científico num dado momento”. A ciência positivista passou a servir ao mecanicismo que a produção dos tempos modernos exigia. O método não precisaria ser refletido e sim executado. Com isso, a metodologia passou a ser entendida como instrumental, um conjunto de técnicas disponíveis, independente da concepção de mundo do pesquisador e das relações entre sujeito e objeto. Dessa forma, o critério de objetividade tornou-se sinônimo de instrumentalização da pesquisa.

O método meramente instrumental é apontado por Oliveira (2001, p. 21) como uma enorme redução daquilo que ele poderia representar. A aplicação de um método qualquer na pesquisa implica necessariamente pôr em jogo um arcabouço teórico, mesmo que o pesquisador não se dê conta disso. As técnicas, por mais experimentais que sejam, sempre trazem consigo conhecimentos, interesses e concepções do pesquisador. Dessa forma, ao se fazer uma reflexão de cunho metodológico, há uma disputa de cunho epistemológico subjacente.

OBJETIVIDADE E OBJETIFICAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

Em contraponto à determinação objetiva do método científico está a ideia de que o objeto da pesquisa não é dado ou achado e sim construído. Flickinger (2000, p. 26-27) analisa que mesmo em relação à pesquisa empírico-objetiva, um de seus condicionantes é a determinação do objeto de investigação no processo chamado de “objetificação da realidade”. Como este ato precede aos próprios passos da pesquisa e não está submetido às suas regras, há uma carga de subjetividade na escolha do tema de pesquisa. Ou seja, o procedimento primordial de criação do objeto da pesquisa carrega em si uma arbitrariedade advinda do sujeito-pesquisador. Por si só, este acontecimento é capaz de impor questionamentos a uma série de preceitos paradigmáticos do cientificismo, pois evidencia a subjetividade a qual a ciência moderna não admite ser portadora.

A despeito disso, a postura de objetividade ainda impera entre grande parte dos pesquisadores sociais, reproduzindo a dissociação sujeito-objeto. Ao contrário desta representação, Bourdieu (1989, p. 23-24) chama a atenção para “a construção do objeto, sem dúvida a operação mais importante e, no entanto, a mais completamente ignorada, sobretudo na tradição dominante, organizada em torno da oposição entre teoria e metodologia”. Ainda segundo este autor, “as opções técnicas mais empíricas são inseparáveis das opções mais teóricas de construção do objeto”.

Ao estudar o mundo social através das lentes da objetividade, o pesquisador se vê confrontado, ele próprio como produto, portador de conceitos e noções também produzidos pelo mesmo objeto. Porém, entender esse caráter não significa aderir ao desleixo metodológico. O processo de construção do objeto – “rompendo com a passividade empirista, que não faz senão ratificar as pré-construções teóricas vazias, mas sim de abordar um caso empírico com a intenção de construir um *modelo*”¹ – não significa que a pesquisa não deva ser rigorosa. Sobre isso, o mesmo autor afirma que:

A pesquisa é uma coisa demasiada séria e demasiado difícil para se poder tomar a liberdade de confundir a *rigidez*, que é o contrário da inteligência e da invenção, com o *rigor*, e se ficar privado deste ou daquele recurso entre os vários que podem ser oferecidos pelo conjunto das tradições intelectuais da disciplina².

Destarte, a construção do objeto é realizada pouco a pouco, em retoques sucessivos, através de uma postura ativa e sistemática do pesquisador. Sobretudo, a busca pelo rigor no processo de pesquisa social pressupõe a superação de inúmeras concepções difundidas nas ciências. Entre as principais, está aquela em que o pré-julgamento sobre o tema atrapalha o andamento da pesquisa. Ao contrário, Gadamer (1998 *apud* Flickinger, 2000, p. 29) assinala a importância do saber perguntar e da compreensão prévia da área a ser pesquisada ou discutida. Por sua vez, essa pré-compreensão ou pré-juízo, no sentido de entender o que vai ser estudado, é vista como condição prévia do poder perguntar. O pesquisador que não tem uma ideia do campo de pesquisa demorará mais a apreender seus elementos.

Especial importância deve ser dispensada aos processos comunicativos na pesquisa. O fato é construído de acordo com relatos e leituras arbitrárias de quem o narrou. Em outras palavras, a maneira com que os acontecimentos do passado são narrados depende das experiências e dos interesses do interlocutor. Assim, um fato não existe além da realidade social em que está inserido, nem mesmo está enterrado em algum lugar esperando que o pesquisador desenterre e o demonstre em sua pesquisa, como muitas vezes, sua pretensão quer demonstrar. Por isso, o cuidado que se deve ter com o discurso e com a experiência vivida por outrem. A postura criteriosa do pesquisador possibilita identificar significados e relações entre os discursos e o campo empírico.

A experiência em pesquisa mostra que em diversas situações, principalmente nas ciências humanas, não se consegue chegar a um resultado coerente, não por negligência do pesquisador, que operacionalizou o método objetivamente como o havia planejado, mas porque a abordagem utilizada não consegue dar conta da natureza da pesquisa. Assim, surge a necessidade de não se apartar do método, mas sim, de lapidá-lo conforme as necessidades que a complexidade da pesquisa exige.

PLURALISMO METODOLÓGICO EM PESQUISA GEOGRÁFICA: AVANÇOS E POSSIBILIDADES

A pesquisa qualitativa tem ganhado espaço em estudos geográficos desde os anos 1980. Segundo Winchester (2005, p. 11, tradução nossa) o pêndulo de métodos geográficos dentro da Geografia Humana tem oscilado firmemente de quantitativos para qualitativos, fato registrado por uma crescente quantidade de publicações que se utilizam destes métodos.

Apesar disso, ambas as formas ainda são caracterizadas como em oposição ou como metodologias em conflito. Bauer, Gaskell e Allum (2003, p. 32) resumem esta clivagem quantitativo/qualitativo como a separadora das técnicas de “controle”, por um lado, e de “compreensão”, por outro. Outra visão bastante difundida aponta a pesquisa qualitativa como

¹ *Ibidem*, p. 32.

² *Ibidem*, p. 26.

uma forma mais crítica e potencialmente emancipatória, por compreender a interpretação dos atores sociais no mundo.

A visão dualista de métodos é altamente problemática, como Hammersley (1992 *apud* WINCHESTER, 2005, tradução nossa) reconhece: ela representa métodos quantitativos como focados, objetivos, generalizáveis e, por implicação, livres de valor. Por outro lado, os métodos qualitativos são frequentemente apresentados como suaves e subjetivos, um suplemento anedótico, de alguma forma inferior à ciência "real" (WINCHESTER, 2005, p. 11, tradução nossa). Ao contrário disso, nada impede que dados quantitativos sejam utilizados para fins críticos e emancipatórios também. Este atributo não está necessariamente interligado a um método específico, mas sim à forma e ao interesse de aplicação do método em questão.

Apesar de, em tempos atuais, existir uma gama de métodos qualitativos e quantitativos a serem explorados em pesquisa social, há ainda um “monoteísmo metodológico”, nas palavras de Bourdieu. Segundo este autor, certas escolas ou tradições se constituem em torno de uma técnica específica de recolhimento de dados (BOURDIEU, 1989, p. 25). A postura dogmática e, muitas vezes preguiçosa, é responsável por reproduzir e perpetuar a dicotomia quantitativo-qualitativa.

Assim como Wright Mills (1982, p. 213) refletiu, bons pesquisadores “não se limitam à observação de regras, mesmo porque na maioria das vezes experimentam situações que os manuais não poderiam antecipar. Além do que, pesquisar não se restringe a absorver técnicas e pô-las em prática”. Sobre isso, Oliveira (2001, p. 20) aponta ainda que “a necessidade de o pesquisador se assumir como artesão pertinaz, paciente, atento, sensível e, ao mesmo tempo, despretenso, zelador do consórcio entre teoria e prática, reservando exemplos probantes a cada movimento importante de sua reflexão”.

Esse exercício intelectual é capaz de reconhecer a autonomia, porém também, a possibilidade de conjunção e combinação entre métodos antes considerados excludentes. Nesse processo de ruptura das dicotomias, Chauí (1990, p. 3-13) assinala vários caminhos possíveis, começando com uma reflexão acerca dos fundamentos teórico-metodológicos que o pesquisador assume como adequados e convenientes. Além disso, as possibilidades passam pelas fontes e as ciladas que elas escondem, pelo entendimento dos interesses envolvidos, pelas ações dos sujeitos interlocutores, pelo processo de produção do conhecimento, ou seja, pela transformação dos dados, com a mediação dos conceitos, pelas interpretações de determinado tema social, pelo âmbito da pesquisa e pelas relações entre sujeito e objeto. Ainda segundo a mesma autora, este último reconhecimento, leva à recusa do “autoritarismo da verdade” ou à “relativização da figura soberana do sujeito do conhecimento”.

A combinação entre métodos quantitativos e qualitativos pode ocorrer entre fases distintas de coleta e análise de dados. De acordo com Bauer, Gaskell e Allum (2003, p. 20), além dessas duas dimensões, há ainda o delineamento da pesquisa e os interesses da pesquisa. Todos correspondem a âmbitos em que elementos e métodos diversos – quantitativos e qualitativos – podem compor o trajeto da pesquisa. Segundo estes autores, podem-se realizar entrevistas, aplicar questionários e implementar técnicas observacionais para o estudo de caso, mas é cabível se pensar na realização de um delineamento experimental, ou seja, empregando essas técnicas para coletar dados para um posterior estudo de caso.

Sobre a entrevista, método de coleta de dados bastante utilizado em pesquisa social, Mann (1983) identifica duas possibilidades: pode ser formal ou informal, cuja aplicação pode ocorrer desde fases iniciais da pesquisa, para reconhecimento de campo, até fases mais adiantadas, para comprovação de regularidades de informações. Esse método não precisa necessariamente seguir um rígido padrão de amostragem. Pode-se usar de redes de parentesco, grupos ocupacionais ou outras formas de agrupamentos para representação de uma amostra de estudo. Nada impede que durante a coleta de dados, use-se de questionários, ou mesmo que se combinem os métodos.

A análise interpretativa ocorrerá sobre dados e informações conseguidas através dos processos iniciais. Os resultados dependem da qualidade que esses dados e informações foram adquiridos. Bradshaw e Stratford (2005, p. 67, tradução nossa) afirmam que na pesquisa qualitativa, o número de pessoas que se entrevistam, comunidades que se observam, ou textos que se leem é menos importante que a qualidade de quem ou o que envolver na pesquisa, e como conduzir essa investigação. A geração e a análise dos dados devem estar encadeadas em um planejamento criterioso dos possíveis caminhos a serem seguidos. Se for decidido pela entrevista, por exemplo, esta deve estar embasada na teoria, da mesma forma que qualquer outro método utilizado. Oliveira (2001, p. 21) ressalta que pesquisar se aprende pesquisando e somente o pesquisador poderá identificar a dinâmica mais profícua de realização. Assim, a união entre método e teoria fará com que, ao final, a pesquisa apresente ao mesmo tempo coerência interna (entre técnicas e métodos utilizados) e coerência externa (com o conhecimento acerca do campo de estudo) para então se obter uma validade provisória. O pluralismo metodológico, ou seja, a possibilidade de utilização de variados métodos para se chegar a um resultado coerente, por sua vez, não significa confusão metodológica. Garantir rigor na pesquisa significa instituir a fidelidade do trabalho e ter um projeto de pesquisa cuidadoso. Isso se consegue com planejamento e clareza de objetivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na pesquisa social tudo pode ser perdido facilmente se uma série de questionamentos pessoais não for realizada durante o caminho a ser construído. Um pesquisador detentor de certezas absolutas é mais vulnerável a cair em equívocos do que um pesquisador que questiona o rumo da pesquisa constantemente e, principalmente, se autoquestiona. Esse entendimento é mais importante que o próprio processo técnico da pesquisa.

Assim como Wright Mills (1982) ressalta, o ato de pesquisar e de construir uma pesquisa é um “artesanato intelectual”. Essa “arte” pode ser representada através de um trabalho minucioso (como um artesanato) em que aqueles pesquisadores que se envolvem totalmente e não separam sua vida de seus estudos e de seu trabalho conseguem sucessos mais frequentes.

A superação da abordagem puramente instrumental do método e o reconhecimento de todas suas dimensões técnicas, processuais, teóricas e sociais se apoia, sobretudo, na reflexão, exercício fundamental ao pesquisador e que leva ao fazer sabendo-se o que se faz ou ao caminhar sabendo-se onde se pisa.

Dessa forma, estará se processando também a ruptura de uma visão longa e amplamente legitimada da ciência, pois, como afirma Bourdieu (1989, p. 41), enquanto se tomar o “dado”, enquanto permanecer as aparências socialmente construídas, as aparências da cientificidade, as aparências estarão a vosso favor. Contudo, o pesquisador social terá que fazer a escolha entre ficar com as aparências ou trilhar o caminho do conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUER, Martin W.; GASKELL, George; ALLUM, Nicholas C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. p. 17-36.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. 315p.
- BRADSHAW, Matt; STRATFORD, Elaine. Qualitative research design and rigour. In: HAY, Ian. **Qualitative research methods in human geography**. 2. ed. New York: Oxford University Press, 2005. p. 67-76.

- CHALMERS, Alan. **O que é ciência afinal?**. Trad. Raul Filker. São Paulo: Brasiliense, 1993. 225 p.
- CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1990. 367 p.
- _____. **Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles**. São Paulo: Brasiliense, 1994. 390 p.
- FLICKINGER, Hans-Georg. Hans-Georg Gadamer – uma abordagem hermenêutica das ciências do planejamento. In: HELFER, Inácio (Org.). **Pensadores alemães dos séculos XIX e XX**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. p. 21-34.
- HABERMAS, Jürgen. **Conhecimento e interesse**. Introd. e trad. José N. Heck. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. 317 p.
- MANN, Peter H. **Métodos de investigação sociológica**. Trad. Otávio Alves Velho. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. 198 p.
- OLIVEIRA, Paulo de Salles. Caminhos de construção da pesquisa em ciências humanas. In: OLIVEIRA, Paulo de Salles (Org.). **Metodologia das ciências humanas**. São Paulo: Hucitec/Ed. UNESP, 2001. p. 17-28.
- WINCHESTER, Hilary P. M. Qualitative research and its place in human geography. In: HAY, Ian. **Qualitative research methods in human geography**. 2. ed. New York: Oxford University Press, 2005. p. 3-18.
- WRIGHT MILLS, Charles. **A imaginação sociológica**. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. 246 p.